

INFORMAÇÕES

Procissão do Corpo de Deus na cidade: Nesta 5.^a feira, dia 22, haverá na Sé de Viana do Castelo, às 15,30 h., Oração de Vésperas em honra do Santíssimo Sacramento, seguida da Procissão do Corpo de Deus pela cidade. Participe!

Reunião do CPP: Realiza-se nesta 6.^a feira, dia 23, às 21 h., no Centro de Convívio, a 2.^a Reunião Ordinária do Conselho Pastoral Paroquial. Da agenda salientamos a Peregrinação a Santa Luzia. O pároco pede a presença de todos os membros!

Peregrinação a Santa Luzia: Será no dia 1 de Junho, com partida do local do costume, às 9 horas.

Desenvolvimento?

Por: João César das Neves, Professor Universitário

A imprensa anda cheia de histórias horrorosas de abusos sexuais na Áustria, após escândalos de pedofilia na Bélgica e Portugal. Perante isto, muitos se perguntam: como pode tal acontecer em países tão desenvolvidos?

Esta dúvida nasce de um grave erro no conceito de desenvolvimento. A sociedade actual teve um notável avanço cumulativo nos campos técnico e económico. Isso leva muitos a generalizar a visão progressista a campos onde ela já não é válida. No campo da arte e pensamento, será que avançámos desde Aristóteles, Bach, Dante ou Shakespeare? Aí o novo não é melhor só por ser novo. A técnica até fez Hitler pior do que Átala.

Na moral é o mesmo. Registámos ganhos notáveis em campos como os direitos humanos e ética social, mas noutras áreas piorámos bastante. Na moral sexual, onde os nossos antepassados tinham orientações claras, assiste-se à maior confusão de critérios. Pode-se gostar ou rejeitar, mas não negar esta evolução. Por enquanto a violação e pedofilia ainda são repudiadas, mas tudo o mais é, não só permitido, mas recomendado.

Isto não se deve ao nosso amor à liberdade, porque este é um dos poucos assuntos em que tal se verifica. No tabaco e no trânsito, no trabalho como na alimentação, tudo é espartilhado por portarias e regras. O politicamente correcto diz-nos como pensar, mas no campo sexual vive-se, não liberdade, mas desorientação.

Por isso não é surpresa que a nossa sociedade civilizada gere tais atrocidades, raras nas tribos primitivas. Deu muito trabalho chegar a este nível de depravação.

Bispo de Viana lembra dificuldades dos casais jovens

(Continuação)

A celebração do Dia Diocesano da Família em Viana do Castelo, que decorreu no Centro Pastoral Paulo VI, em Darque, incluiu uma breve reflexão, logo após o almoço, bem como as intervenções do casal presidente (Maria Adelaide e José Luís Carvalhido) e do assistente (padre Miguel Moura) do Secretariado da Pastoral Familiar. A reflexão foi orientada pelo Prof. Manuel Domingos, ligado à APPACDM vianense, que convidou os casais a indicar três prioridades a contemplar no próximo ano pastoral na área da pastoral familiar. Divididos por grupos, os participantes nesta jornada diocesana foram também desafiados a apresentar para cada uma das prioridades três acções a desenvolver pela Igreja do Alto Minho.

PARÓQUIA VIVA

N.º 373 – 22/05/2008

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



Corpo e Sangue de Cristo - Ano A



não tereis a vida em vós.» (Evangelho)

«disse Jesus à multidão: “Eu sou o pão vivo descido do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que Eu hei-de dar é a minha Carne pela vida do mundo. ... Se não comerdes a Carne do Filho do homem e não beberdes o seu Sangue,

Abdicar do futuro

Por: Octávio Carmo

Abdicar da família é abdicar do futuro. Esta é uma das convicções mais fortes que norteiam a presença católica na sociedade e, por certo, uma das mais incompreendidas, com reacções muito díspares em relação a esta defesa tão determinada de um modelo que a Igreja acredita ser o melhor para o casamento e, sobretudo, para o desenvolvimento das crianças que surjam nesse projecto de vida.

Admito que seria mais confortável para quem legislar em função de programas supostamente modernos e progressistas que as convicções religiosas fossem relegadas para esferas mais íntimas, com menos impacto na coisa pública, como se as crenças pessoais não servissem para determinar a vida, mas para serem conservadas numa espécie de museu interior, com exposição limitada às quatro paredes dos locais de culto.

O conformismo típico de muitos espíritos portugueses poderia levar muitos a dizer que o ideal é evitar o confronto, reduzir o alcance da mensagem aos que, à partida, partilham os mesmos valores, e deixar que as diversas opiniões sejam lançadas à praça mediática para que cada um “compre” a que melhor lhe parecer.

Não se trata, em última instância, de impor uma visão da vida ou da sociedade, mas de uma preocupação de fundo, que passa pela constatação das consequências de modelos e políticas que têm afectado, sobremaneira, tudo o que se relaciona com a instituição familiar e com as crianças.

É ao presente e ao futuro dos mais pequenos da sociedade que esta edição semanal lança um olhar mais atento, questionando alguns dos caminhos trilhados até agora pela sociedade do nosso país, que deixa tantas crianças desprotegidas, muitas vezes à beira da catástrofe, hipotecando assim o que de melhor estaria reservado para um novo Portugal.

Resta saber que grau de compromisso estarão dispostos a assumir todos os que partilham uma visão da vida inspirada pelas convicções católicas sobre a vida e a família. Não é tempo de campanhas nem de grandes discursos, mas o futuro pede uma acção decidida, em especial junto dos mais desprotegidos nas novas gerações. Porque o amanhã não espera. E não podemos abdicar do futuro.

Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.^a leitura: Deut. 8, 2-3.14b-16a

2.^a leitura: 1 Cor. 10, 16-17

Evangelho: Jo. 6, 51-58

- O grande memorial -

Uma das características exclusivas do ser humano é a sua capacidade de memória, através da qual pode aproveitar as experiências do passado para com elas construir um presente diferente e melhor. Hoje, com todas as actuais maravilhas da técnica, já quase não conseguimos imaginar como é que era a vida humana no período da pedra lascada, nem sequer a umas décadas atrás!

E os povos e as culturas prestam justiça àqueles que, ao longo dos tempos mais contribuíram para o progresso em qualquer área, perpetuando a sua memória através de monumentos.

Também a salvação tem uma história. Moisés lembrava ao Povo eleito a sua obrigação de fazer memória do passado: “Recorda-te de todo o caminho que o Senhor Deus te fez percorrer”; “Não te esqueças do Senhor, teu Deus, que te fez sair da terra do Egipito”.

A Páscoa era, para os Judeus, a grande evocação das maravilhas por Deus operadas em seu favor e a proclamação da contínua presença actual de Deus.

Com a Eucaristia, celebrada e instituída por Cristo, aparece o grande MEMORIAL do amor salvífico de Deus. Não se trata de simples evocação do passado, mas da perpetuação e actualização da entrega amorosa de Cristo nas mãos do Pai pela nossa salvação. É Ele que, aqui e agora, conosco se oferece ao Pai, em cada Eucaristia. Cristo é o verdadeiro presidente da nossa celebração.

Mas, o memorial eucarístico, para além da evocação e actualização do amor salvífico de Deus, tem uma outra dimensão: ele envolve-nos e compromete-nos nesta acção!

Por isso, S. Paulo lembra aos Coríntios que participar, pela comunhão, no mesmo pão e no mesmo cálice, faz com que fiquemos todos unidos, constituindo o Corpo de Cristo. Daí que não dê para os cristãos se dividirem por Cristo e pelos ídolos.

Mas Paulo não será atraído se lhe acrescentarmos a dimensão da comunhão (comunhão). Como será possível participar alguém na mesa da comunhão e, depois, dar guarida em seu coração a sentimentos de ódio, viver em conflito permanente com familiares, vizinhos ou colegas de trabalho, alimentar intrigas e ódios, numa palavra: passar do Memorial da comunhão ao reino da divisão?

Por isso, é também para nós o alerta do Apóstolo: “Que cada um se examine a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice”.

P. José de Castro Oliveira

Bispo de Viana lembra dificuldades dos casais jovens

O Bispo de Viana do Castelo lembrou as dificuldades sentidas pelos casais jovens, pelas crianças nascidas de famílias monoparentais ou vítimas de lares desfeitos, e também pelas pessoas viúvas ou divorciadas, durante a missa do Dia Diocesano da Família.

As dificuldades dos casais jovens devem-se «à dispersão geográfica do local de trabalho, à dedicação absorvente aos meios materiais de sobrevivência e às pressões sociais de rentabilidade no trabalho a que estão sujeitos em virtude da lei da concorrência na preservação do emprego».

«As novas condições de trabalho, numa sociedade em permanente transformação, criam acrescidas dificuldades na vivência do amor mútuo, perseverante e fiel, no projecto da desejada concepção dos filhos, no acompanhamento do seu desenvolvimento e educação», disse também D. José Pedreira, que exortou os cristãos do Alto Minho a desenvolver «todos os esforços para atender as crianças nascidas de famílias monoparentais ou vítimas de lares desfeitos», tornando-se «filhos órfãos de pais vivos».

O Bispo de Viana pediu ainda «atenção aos esposos que perderam um membro do casal, sendo colocados abruptamente numa situação nova de vida para a qual nunca se tinham preparado – a viuvez».

D. José Pedreira não esqueceu a situação dos casais em ruptura, para os quais a diocese de Viana do Castelo criou um gabinete de apoio, ou das mulheres e homens entretanto divorciados – ou seja, «cuja ruptura do projecto conjugal e familiar já está consumado».

A pensar nestes casos, o prelado anunciou que acaba de ser traduzido para português um livro sobre quatro associações de índole cristã existentes em França vocacionadas para apoio a pessoas que lutam por superar o trauma do divórcio.

D. José Pedreira, antes de indicar o título do livro (“A Igreja e os divorciados recasados – um novo olhar”, publicado pela Gráfica de Coimbra 2), chamou a atenção para os nomes «sugestivos» das associações: “Renascimento”, “Caná-Esperança”, “Comunhão Nossa Senhora da Aliança” e “Cristãos divorciados, caminhos de esperança”.

O que se espera do Estado, da sociedade e da Igreja

Na missa em que foi entregue uma lembrança a 27 casais que, em 2008, celebram 25 e 50 anos de matrimónio (14 casaram há 50 anos), D. José Pedreira reconheceu que a Igreja do Alto Minho «sente a necessidade» de reflectir sobre a realidade que envolve a família nos dias de hoje, «não só enquanto célula fundamental da sociedade civil, mas também como elemento fundamental na vida da Igreja».

«Enquanto vinculada, a sociedade civil – disse o Bispo de Viana –, aos órgãos de decisão legislativa na feitura das leis, cabe adquirir um conhecimento alargado da realidade que envolve e condiciona a acção da família, para contribuírem positivamente em preservar ou criar as melhores condições para que a comunidade familiar possa cumprir a nobre e inalienável missão que lhe cabe desempenhar».

«Estamos a falar – explicou – de condições materiais, económicas e de trabalho, habitação e apoios sociais, que garantam os meios necessários para a vivência do amor mútuo dos esposos, do serviço à vida nos filhos que geram, no apoio aos idosos que deles dependem».

E também, acrescentou, de «criar condições para o exercício do direito/obrigação primário dos pais na missão educativa dos filhos, na escolha livre do teor educativo que pretendem transmitir-lhes, com relevância particular na colaboração que a família espera, e a que tem direito, na formação e desenvolvimento pleno e harmónico das suas capacidades daqueles a quem transmitiram a vida».

Referindo-se à família enquanto instituição eclesial, o Bispo de Viana realçou que quem avança para o casamento «deve conhecer o plano divino que preside à sua existência, adquirir a indispensável formação catequética para assumir conscientemente a responsabilidade de criar uma nova família, conhecer e utilizar os meios naturais e sobrenaturais que permitam viver esta comunhão de amor», aceitando também, «com fidelidade e perseverança, as responsabilidades decorrentes dessa união ou pacto contraído de pessoas e bens». (*Continua na pág. 4*)